

A CONSTITUIÇÃO DO ALUNO LEITOR ATRAVÉS DAS CONCEPÇÕES DE LEITURA DOS PROFESSORES E SUAS AÇÕES

JANES ANGIE MOREIRA DE ABREU (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA), GLEIDENIRA LIMA SOARES (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA).

Resumo

Esta comunicação tem como corpus pesquisas realizadas com professores e alunos de uma escola pública da periferia do município de Porto Velho, Estado de Rondônia. A pesquisa em questão buscou, a partir do referencial metodológico da pesquisa ação e teóricos de autores/pesquisadores, tais como Silva (2003), Sabinson (1999), Azevedo (1999), dentre outros, numa vertente, apreender os sentidos que são vivenciados na escola sobre leitura e as concepções de leitura dos professores e sobre as suas ações relativas à leitura em sala de aula. Reconhecer a importância do ato de ler para os alunos e com os alunos, ampliando seu universo de leituras, significa dar a esses alunos a oportunidade de começar a construir, mesmo que de forma modesta, uma crítica em relação ao que foi lido, pois é através da prática de leitura que o leitor fica sabendo dos seus direitos e deveres como cidadãos, dentre outras habilidades desenvolvidas. Os resultados encontrados mostram que os professores já deram início ao processo de transformação no modo como eles antes estabelecem suas relações com a leitura. Nos seus discursos há o relato de novas situações de leitura vivenciadas em sala de aula e uma maior ousadia no empreendimento de ações outras que viabilizaram a leitura de seus alunos.

Palavras-chave:

Leitura., Concepções de leitura., Constituição de leitores..

RESUMO: Neste artigo, relatamos o percurso desenvolvido na pesquisa que teve como objetivos gerais e específicos ampliar os nossos saberes sobre como a leitura tem sido exercida na escola por professores e alunos, interagindo, com ações de estímulo à leitura e de reflexões sobre o ato de ler, com os professores; e colher dados sobre as concepções de leitura dos professores e as suas ações relativas à leitura em sala de aula. A metodologia utilizada foi a coleta de dados através do discurso dos professores, ocorridos durante as sessões de estudos de textos teóricos ou nas leituras lúdicas realizadas. Os resultados encontrados mostram que os professores já deram início ao processo de transformação no modo como eles antes estabelecem suas relações com a leitura. Nos seus discursos, há o relato de novas situações de leitura vivenciadas na sala de aula e uma maior ousadia no empreendimento de ações outras que viabilizariam a leitura dos seus alunos.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu a partir da necessidade de se trabalhar as concepções de leitura dos professores, que serviram de base para a pesquisa realizada, especificamente sobre o ato de ler dos professores, que são os responsáveis na tarefa de formar leitores e sua relação com a leitura e, especialmente, sobre o modo como a leitura tem sido exercida na escola. Partimos do pressuposto de que professores alfabetizadores precisam ter internalizado um conceito de leitura amplo, no qual esteja implícita a diversidade de suportes, de tipos de texto e de objetivos de leitura, conscientes de que a leitura cumpre uma função sócio comunicativa das mais relevantes. Desta forma, acreditamos que os professores precisam reconhecer o caráter plural da leitura, assim como a existência de

múltiplas leituras tão diversas quanto forem os objetivos, os suportes e os leitores para, conseqüentemente, lidar com a leitura, na escola e na vida, explorando os vários processos de leitura.

Sendo assim, em uma vertente da pesquisa procuramos apreender os sentidos que são vivenciados na escola sobre leitura e as concepções das crianças a respeito do ato de ler e, em outra vertente, propiciar o exercício da leitura através da realização de oficinas com os professores e alunos criando situações significativas de leitura.

A presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eloisa Bentes Ramos, escola pública da periferia de Porto Velho, em função de a mesma apresentar um interesse dos professores e da equipe pedagógica pelo tema em questão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Reconhecer a importância do ato de ler para os alunos e com os alunos, ampliando seu universo de leituras, significa dar a esses alunos a oportunidade de começar a construir, mesmo que de forma modesta, uma crítica em relação ao que foi lido, pois é através da prática de leitura que o leitor fica sabendo dos seus direitos e de seus deveres como cidadãos, dentre outras habilidades desenvolvidas.

Para que isso ocorra, no entanto, é necessário que a escola traga o universo da leitura para dentro de seus portões, não no sentido de ler por obrigatoriedade, mas com o intuito de fazer com que os alunos tenham o direito de ler e curtir as histórias de sua preferência. Nesse sentido, Silva (2003), afirma que:

[...] introduzir uma criança para o mundo da leitura é, exatamente trazer esse universo para a escola e dinamizá-lo ininterruptamente junto às novas gerações que precisam ser educadas para se tornarem cidadãs de deveres e de direitos, incluindo o direito de ler. (p. 70)

Diante desse fato, é necessário que se faça um trabalho diário, já que a leitura com o objetivo de formar leitores não pode ser um trabalho de um ou dois dias.

É preciso que a escola, professores e alunos estejam comprometidos e dispostos a conceber a leitura não mais como pretexto para estudar gramática, mas como uma realidade ligada a um contexto significativo, pois, ainda para Silva (2003):

[...] Se a leitura for tomada também como trabalho, como processo, ela pode ser desgraçadamente assumida como um "carregar pedra", quer dizer, como uma tarefa pesada, estafante, estressante, levando o leitor a se desviar dos livros ou de todas as situações em que tenha que interagir com textos escritos. (p. 62)

Sendo assim, o modo como os professores concebem a leitura determina sobremaneira as suas ações de formador de leitores.

Para Tezzari (2005, p.23): "[...] se a leitura não tiver significado para os professores, ele não será capaz de transmitir significado para o aluno e, que, portanto, não haverá chances de formar o leitor".

A leitura, como se pode observar, tem que estar presente na vida do professor, pois um professor não-leitor não conseguirá formar leitor; ele tratará a leitura como segundo plano em suas aulas e os alunos, se não tiverem já consolidado o ato de ler, na certa, não se sentirão estimulados a começar a construção de sua bagagem de leitura. Sabinson (2001, p.59) a respeito da leitura, propõe-se, ainda, a questionar: "(...) ensina-se paixão? Paixão provoca-se, paixão desperta-se, paixão tem-se, mostra-se, sente-se, esconde-se, disfarça-se, mas não se ensina. Eu diria que um professor precisa é despertar/provocar paixão nos seus alunos".

Afirmamos, então, que o professor que não possui paixão pela leitura, jamais será capaz de despertar nos alunos o hábito da leitura, sendo que jamais conseguirá formar leitores.

Em relação, à prática de leitura nas séries iniciais, esta deve ser concebida como uma experiência prazerosa, com significado para quem lê, pois, ainda para Silva (2003, p.72): "(...) as atividades de leitura, conforme estruturadas pelo professor, devem conduzir os alunos para movimentos de intuição, imaginação, descoberta e criatividade na interação com os textos".

Dessa forma, optamos por trabalhar com os alunos livros de diversas temáticas e autores variados para que os mesmos pudessem estar em contato com uma variedade de materiais que os ajudassem a desenvolver tanto sua intuição como imaginação.

Outro ponto de grande interesse para a nossa pesquisa foram as práticas de leitura desenvolvidas nas salas de aula e a postura dos professores diante desse assunto. Nos apoiamos em Freire (1996), no momento em que ele nos diz que ensinar exige comprometimento:

[...] Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar (...) Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (p.108)

Acreditamos que para ser professor formador de leitores, o indivíduo deva, em um primeiro momento, se constituir como leitor criando hábitos freqüentes de leituras, para que mais adiante possa formar leitores a partir de suas experiências e, assim, incentivar os alunos nessa prática através de estímulos e incentivos, como por exemplo, a indicação de bons textos que levem os alunos a refletirem sobre os contextos sociais em que estão inseridos.

3. METODOLOGIA E RESULTADOS

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo, sendo realizada através da pesquisa-ação, que de acordo com Barbier (2002, p.119): "é singular e define-se por uma situação precisa concernente a um lugar, a pessoas, a um tempo, a prática e a valores sociais e à esperança de uma mudança possível".

O método da presente pesquisa-ação, será inspirado em Lewis, que segundo Barbier, é o da espiral com suas fases: de planejamento, de ação, de observação e de reflexão, depois de um novo planejamento da experiência em curso. (Barbier, 2002; p. 60).

Na etapa do planejamento, visitamos a escola, solicitamos permissão para o desenvolvimento da pesquisa e definimos a seqüência de ações em cada plano de trabalho. Em relação aos referidos planos de trabalho, ressaltamos que um foi voltado para sessões de estudo com os professores com textos teóricos sobre leitura acompanhada de discussões/reflexões acerca do trabalho docente (seus acertos, seus dilemas, suas dificuldades no trabalho com a leitura, entre outros) e o outro, foi voltado para atividades de leitura com os alunos em sala de aula.

No que diz respeito à escolha das turmas, na primeira etapa da pesquisa, pedimos para que a escola as indicasse, pelo fato da mesma conhecer a realidade em que se encontram os seus alunos.

Dessa forma, as turmas indicadas foram a 1ª e 2ª séries respectivamente. Já na segunda etapa da pesquisa, optamos por ficar com a turma que atendesse o maior número de alunos que já vinham sendo acompanhados, para que assim, pudéssemos dar continuidade ao trabalho que tínhamos iniciado com aqueles alunos.

Em relação às sessões de leitura realizada com os professores, em um primeiro momento, foram atendidos apenas os de 1ª e 2ª séries, porém, após um determinado período, a direção da escola nos pediu que as oficinas fossem estendidas também a outros professores que estavam interessados em participar, o que foi atendido prontamente.

Ao longo do desenvolvimento das oficinas de leitura realizada tanto com os alunos como com os professores, utilizando um diário de campo, registramos observações sobre as atividades realizadas, as reações dos alunos e das professoras, o modo como eles respondiam a cada leitura, as atividades que eles fizeram, entre outros pontos relevantes.

Em um primeiro momento da pesquisa, realizada com os alunos em sala de aula, pensamos nos possíveis livros que teriam a "missão" de fazer com que alunos não-leitores se constituíssem alunos-leitores, pois para Azevedo (2004, p.39): "... é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação".

Para tanto, optamos por oferecer-lhes livros que estimulassem sua imaginação e possibilitassem, também, a chance de eles serem autores de sua própria estória, como observa Silva (2003):

[...] invés de reproduzir os enfadonhos passos contidos nos livros didáticos ou cartilhas (ler em voz alta, repassar o vocabulário, responder questionário, fazer gramática e redação), sugiro que os professores desenvolvam atividades com outras artes no sentido de explorar os textos literários, produzidos primordialmente com a linguagem verbal escrita e com imagens (ilustrações). (p. 77)

Por isso, resolvemos iniciar o trabalho com livros de linguagem não-verbal de autoras como Graça Lima e Eva Furnari, já que a nossa intenção era fazer com que os alunos se familiarizassem com a leitura, além, é claro, de vivenciarem situações em que exerceriam a habilidade de interpretar, tendo a devida liberdade para tal.

Segundo Silva (2003), esse é um ponto importante, pois:

Dar liberdade aos leitores significa ouvir, ou melhor, escutar e aproveitar pedagogicamente os sentidos produzidos através das leituras dos textos propostos, remetendo sempre esses sentimentos para a esfera da compreensão cada vez mais refinada e profunda da realidade. (p. 39-42)

Sendo o livro constituído apenas por imagens, os alunos teriam a oportunidade de falar o que desejassem, de "curtir" a sequência de imagens, sem se preocupar a respeito do que é certo ou errado na referida leitura.

Através dos livros de linguagem não-verbal, percebemos que o universo televisivo é muito marcante na vida dos alunos, mesmo para aqueles que não têm o aparelho de televisão em casa, pois, através de algumas histórias contadas, percebemos o poder que a mídia eletrônica tem sobre os alunos e, de fato, sobre todos nós, de maneira em geral.

Esse fato ficou claro no momento em que os alunos escolheram o nome de um cachorro e de um gato, personagens centrais de determinada leitura, já que a escolha se deu em função do nome de um filme veiculado pela mídia.

Uma das maiores conquistas do nosso trabalho, nas duas etapas da pesquisa, foi o desenvolvimento de uma relação mais lúdica entre os alunos e os materiais de leitura. Segundo Azevedo (2004): "... É riquíssimo imaginar um cenário onde, juntos, adultos e crianças - em sua casa, em casa, numa sala de aula, seja onde for - possam trocar idéias e impressões sobre assuntos diante dos quais ninguém, seja qual for a faixa etária, pode "ensinar" .

Nas primeiras leituras, ficávamos desanimadas com o modo de inserção dos mesmos nas atividades que realizávamos após as leituras.

Eles respondiam mecanicamente as perguntas que fazíamos, sem que percebêssemos um genuíno interesse e um envolvimento mais efetivo.

Com o passar do tempo, porém, notamos uma relação mais afetiva com as histórias contadas, um entusiasmo maior na hora de participarem e de contribuírem com as atividades realizadas.

Havia mais vozes, mais movimentos, mais emoções expostas e, de fato, fazíamos as leituras dos livros, estabelecendo interlocução com as mesmas e entre nós.

Tal como postula Silva (2003), nunca perdemos de vista um dos princípios da relação entre o leitor e o texto, pois segundo o autor:

O importante é não esquecer que a leitura é um processo de recriação de idéias, que, por operações estruturantes do leitor, é capaz de abrir caminho para outras criações, outros textos nascidos do próprio leitor, pelo seu esforço pessoal e/ou pelas interações vividas com outros leitores na sala de aula. (p. 72)

Outra questão relevante e que destacamos neste artigo diz respeito ao comportamento de uma das professoras que, a nosso ver, no início da pesquisa era rigorosa demais.

Com o passar do tempo, aquilo que víamos como um aspecto negativo passou a ter uma dimensão positiva, já que percebemos que tal rigor, além de ser necessário,

não comprometia as relações que foram estabelecidas entre ela e seus alunos; de fato, descobrimos uma amorosidade da professora que o rigor não impedia.

O fato de alguns alunos ainda não dominarem a escrita, não nos impediu de fazer um trabalho mais completo, pois a leitura nos possibilitou a oportunidade de sentar com esses alunos e mostrar a eles o caminho para que escrevessem o seu texto, pois como observa Sabinson (1999): "[...] é exercendo práticas sociais de leitura e escrita que alguém viria a ler e a escrever".

Diante dessa postura, com o passar do tempo, os alunos adquiriram mais confiança quando precisavam escrever, perguntando, por exemplo, sempre que era necessário qual a escrita de determinada letra. Os textos que, em princípio, eram escritos mecanicamente, passaram a serem escritos com prazer, pois a dúvida em relação à escrita era esclarecida, de um lado pelas pesquisadoras e por outro pelas professoras. Aliás, esse foi um fator determinante em todo o trabalho, pois, o fato de a professora da 1ª série ser uma leitora e levar sua experiência como tal para dentro de sua sala de aula, através de discussões e de trabalhos realizados com recortes de jornais ou revistas, sintetiza as palavras de Bamberger (2002):

Os professores que ministram aos alunos "pequenas doses" da importância da leitura todos os dias - em seu encontro com a literatura, como apoio ao trabalho escolar e aos interesses pessoais dos alunos em todos os assuntos escolares -, os professores que procuram dar eficácia a essas pequenas "doses de hábito" nas atividades diárias das horas de lazer e como tarefa de casa, os professores que assim procedem sistematicamente durante toda a carreira escolar da criança, sem forçar, mas com naturalidade, terão acostumado, de tal maneira, a maioria dos alunos a trabalhar com livros que eles não desistirão mais tarde. (p. 73)

Desse modo, esta pesquisa nos permite confirmar que para constituir alunos-leitores é preciso que se estabeleça uma parceria entre professor e aluno, de maneira que a leitura se dê de maneira significativa, como exercício de prática social.

Em relação às sessões de leitura realizadas com os professores, notamos durante a sua realização que a prática de leitura, em um primeiro momento, servia apenas para punir os alunos, ou mesmo, distraí-los quando não havia tempo para início de um novo conteúdo. Contudo, a partir da conscientização desses mesmos professores sobre a importância da leitura, e de que a partir dela poderiam trabalhar quaisquer assunto com os alunos (como pudemos averiguar acima), suas ações começaram a mudar.

Dessa forma, entendemos que os professores que participaram da pesquisa na escola, durante as realizações das oficinas, estão muito interessados em não só pesquisar, como também se manterem atualizados em relação aos novos materiais e recursos que venha de algum modo ajudar seus alunos durante as práticas de leitura, assim como atrair o interesse desses mesmos alunos para um mundo conhecido por alguns e, ao mesmo tempo, tão desconhecido para outros.

A pesquisa realizada, nos permite afirmar, ainda, que os professores envolvidos passaram a valorizar mais as práticas de leitura, pois é a partir dela que poderão desenvolver bons trabalhos em outras áreas com os alunos.

Os resultados encontrados durante a nossa inserção na escola, nos mostra que os professores já deram início ao processo de transformação no modo como eles antes estabelecem suas relações com a leitura. Nos seus discursos, há o relato de novas situações de leitura vivenciadas na sala de aula e uma maior ousadia no

empreendimento de ações outras que viabilizariam a leitura dos seus alunos. Vale ressaltar o que nos diz Freire (1996, p.52) quando este afirma: "(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção".

Diante desse discurso, sabemos que os professores da E.E.E.F. Eloísa Bentes já deram os seus primeiros passos para que, durante as suas aulas, o conhecimento seja compartilhado de maneira mais efetiva entre todos os presentes, tendo a leitura como uma grande aliada e não mais como um trunfo escondido nas mangas para punir os alunos quando estes não se comportarem durante as aulas. A leitura não merece ser tratada por nossos professores dessa forma, pois, lendo conseguimos ultrapassar barreiras e, ainda, aumentar a possibilidade de viver dialeticamente os problemas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento da pesquisa, durante a realização das oficinas, percebemos a realidade vivenciada pelos professores diariamente, as dificuldades físicas, materiais e emocionais, encontradas em cada sala de aula. Percebemos, também, o interesse dos professores em se capacitarem através de leituras, cursos, oficinas, estudos em casa para melhor ensinar os alunos. Através do contato freqüente com os professores e com os alunos, foi possível constatar que a troca de conhecimento realizada no decorrer das oficinas foi produtiva, pois a sementinha irá germinar e ainda colheremos alguns frutos.

Acreditamos que, vivenciando o processo de aprendizado inicial de pesquisadoras, podemos contribuir para a melhoria das relações estabelecidas entre os professores e seus alunos, especialmente em relação às situações de leitura e de escrita, já que, como desenvolvemos uma pesquisa-ação, nosso interesse reside, primeiramente, em compreender o modo como as ações se dão, mas também, em interferir com nossas ações, de modo a transformar, paulatinamente, o modo como a leitura é exercida na sala de aula.

Temos, ainda, que chamar atenção para dois fatos bastante importantes que se fizeram presentes em toda a pesquisa; estamos aqui nos referindo à leitura da maneira mais abrangente possível como: aquisição de conhecimento, atualizações, novas técnicas de ensino-aprendizagem; porém, os professores que participam da pesquisa trabalham com a leitura de outra maneira, como sendo alfabetização, pois os alunos ainda se encontram nos estágios da soletração, ou ainda realizam a leitura por carreirinha. Além disso, os alunos ainda não vivenciam um contato direto com materiais impressos, nos quais possa ser realizada a leitura, pois, devido à nossa pesquisa ser desenvolvida nas séries iniciais, nós não podemos nos esquecer de ver a leitura como alfabetização.

Quanto às concepções de leituras das professoras, acreditamos que elas mereciam um apoio maior por parte da direção da escola, como, por exemplo, realizar durante o ano letivo algumas oficinas de incentivo aos professores, com reflexão sobre técnicas e metodologias que possam ser realizadas em sala de aula.

Vale ressaltar que pudemos notar, ainda, que as reflexões a respeito da leitura propiciaram uma sensibilização dos professores com relação às atividades que

desenvolvem em sala de aula, com a leitura, e a respeito das suas próprias experiências como leitores.

Já em relação aos alunos, através das nossas ações, percebemos que foi possível estabelecer entre os mesmos e a leitura uma relação não mais de obrigação, mas de prazer, pois os alunos que antes não se sentiam à vontade para dar opiniões, passaram a expressar-se com facilidade sem medo de ser chamado a atenção por cometer um possível erro.

Percebemos que a liberdade dada a esses alunos, para que pudessem se expressar, foi de fundamental importância, pois a participação destes nos encontros passou a ter mais sentido, não apenas para as pesquisadoras, mas também para os próprios alunos e suas respectivas professoras.

Acreditamos, portanto diante do que foi visto no presente artigo que as mudanças dependam, principalmente, dos próprios professores e suas concepções de leitura, para que os alunos encontrem interesse e curiosidade pela leitura.

5. REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de Leitores e Razões para a Literatura**. In: Souza, Renata Junqueira de. Formação de leitores. São Paulo: DCL, 2004.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BAMBERGER, Richard. **Como Incentivar o Hábito de Leitura**. São Paulo: Ática, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferências sobre Leitura**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Unidades de Leitura**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura em Curso. São Paulo: Autores Associados, 2003.**

SABINSON, Maria Laura Trindade. **O que se ensina quando se ensina a ler e escrever? Ensina-se, mesmo, a ler e escrever?**. In: Leitura: teoria e prática. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil. Campinas/SP: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, nº 38, p. 52-60, mar/2002.

TEZZARI, Neusa dos Santos. **O professor de língua portuguesa e suas relações com a leitura: Um estudo com professores de Porto Velho**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. São Paulo, s. n., 2000.-147p. Dissertação (mestrado).

